



NATAL DE 2014



Paulo Oliveira Leite Gonçalves*

Há tantas coisas que nos encantam no período de Natal: a Milícia dos Anjos cantando o texto que a Liturgia nos faz repetir: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens a quem Ele ama”, o conjunto curioso e ingênuo de pastores que se achegam, um casal extasiado ao lado de um Recém-Nascido, Reis Magos. Quero, no entanto, focalizar uma figura tão bela e tão rica de ensinamentos: o velhinho Simeão.

O Espírito Santo lhe havia prometido que não fecharia seus olhos depois do último suspiro, sem antes ter visto com seus próprios olhos o Ungido do Senhor, o Messias, o Cristo. O mesmo Espírito o fez entrar no Templo, onde vivia em preces e pedidos para que chegasse logo o Prometido das Nações. Seus olhos, ávidos pela promessa, procuravam no meio da multidão algo de novo. Avista um casal: a mulher de rosto brilhante, pois era aquela que havia sido considerada pelo Altíssimo como a plenitude da graça e da formosura. E ele pensou, vendo a criança que ela trazia nos braços: é Ele! Aproxima-se, contempla a cena, pede à mulher que o deixe tomar em seu colo a pequenina criança. Fita-a no brilho de seus olhos e naquele momento



sente no coração e no mais fundo de si mesmo um frêmito de ternura, de vitória, de louvor. Na mesma inspiração do Alto deixa vibrar pelo espaço o seu canto de regozijo:

“Agora, Senhor, deixa partir o teu servo em paz segundo tuas palavras, porque meus olhos viram a tua salvação que preparaste diante da face de todos os povos para a salvação dos mesmos e a glória de teu povo de Israel”.

Tomara que diante do Presépio da nossa Igreja possamos sentir no brilho da pequena criança, no sorriso de Maria e na luz do velhinho Simeão, que com certeza está bem junto do Senhor dos tempos, pedindo a graça de ter como ele a mesma intensidade de comoção e de alegria que se apoderaram do mesmo naquele momento de êxtase.

Diante da Divina Criança, sonho de tanta esperança, vamos louvar neste mês, entre Hosanas de alegria, porque, para nós, o Filho de Maria veio e nasceu outra vez.

A cada Ibateano quero enviar com a luz dos olhinhos do Recém-Nascido a ternura imensa de Simeão, desejando um “Feliz Natal”!

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 77 (49/54) é licenciado em Filosofia e Teologia, é Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga (USP), Tradutor Público no Estado de Goiás, de Francês e Italiano, sendo Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás. oliveiratradutor@gmail.com

TU ME ENCONTRARÁS NO IBATÉ.



Dia 29 de agosto de 2015

ANOTE EM TUA AGENDA:

XII ENCONTRO DOS ALUNOS E PROFESSORES DO IBATÉ

Feliz Aniversário!

Quiséramos ter braços de gigante para amplexar carinhosamente todos os colegas aniversariantes durante este ano de 2012. Para representar a grande família ibateana, escolhemos os “enta”, a partir dos 70. Dessa forma, homenageamos aqueles que, neste ano:



COMPLETARAM 70 ANOS DE IDADE: Antonio Carlos de Oliveira, Antonio Freitas Pereira, Pe. Antonio Hélio Augusto Ferreira, Antonio Martini nehy@hotmail.com.br, Antonio Paulo da Costa Carvalho antonio.p.carvalho@terra.com.br, Carlos Alberto Nogueira Ferreira, Djalma Judica, Donizeth Carvalho Leme, Pe. Edison Frade (Fradão) lr.bernardo@mosteirodaesperanca.com.br, Enio Tomazini tomazenio@gmail.com, Francisco Cleirivan Ribeiro Marques cleirivan@hotmail.com, Gabriel Francisco dos Santos, Guaracy Alipio Tito Salgado, Heleno Célio Soares soares.heleno@gmail.com, José Paulo Bruna jp_bruna@yahoo.com.br, Laercio Duarte Euzebio, Luiz Carlos Sabino quimicosabino@hotmail.com, Luiz Francisco Guerra dos Santos malato.comercio@terra.com.br, Luiz Humberto Verardo (Campinas) luigiverardo@uol.com.br, Luiz João Corrar ljcorrar@usp.br, Manuel Correia manuelmcrh@gmail.com, Manuel Félix Lopes manuefeliolopes@hotmail.com, Manoel Nelson de Lima, Oswaldo Pereira Luiz, Pedro Hideo Komatsu phkomatsu@gmail.com, Pedro Steck Filho preta@bell.net, Vanderlei Cozzo vanderlei@abtd.com.br.

COMPLETARAM 75 ANOS DE IDADE: Adilson Toniolo (55), Agni Ariel Libera (51) (Pirapora) alibera@vivax.com.br, Alécio Silva (53), Mons. Bartkus Algimantas Antanas-Bicho-Bicho (51/58), Antonio Marcos de Almeida (51/57) am_almeida@uol.com.br, Armando Barizon (53/56), Aylton Roque (51), Cantídio Adilson Ulivi (51), Carlos Ferraz Alcântara (51) cfalcan@hotmail.com, Claudio Giordano (51/57) claudioliber@yahoo.com.br, Dalmo José Pires Leite (51) dajopile@yahoo.com.br, Darci Jacob Cargnelutti (51/57) darcijc@uol.com.br, Edson Bento Mancini (54), Explenter Cestari (51), Pe. Felício Girelli (53) aparecidajaragua@diocesejlle.com.br, Francesco Episcopo (54/55) f.episcopo@gmail.com, Francisco de Melo Lima (52/55) flima@tietenet.com.br, Pe. Geraldo da Silva Bernardes (57/58), Henry Vitor Santos (51/52) henryvitor@hotmail.com, Hermes Pimenta Werneck Machado (55/59) hermeswerneck@gmail.com, Jadilney

Pinto de Figueiredo (55/56), João de Assis Benvegnu (50/55) assis@benvegnu.com.br, José Geraldo Licheri (51), José Justo da Silva (51/58) justos@uol.com.br, José Luiz Borsoi (53/58), Pe. José Oswaldo Clemente (54/57) sst.dioc.taubate@itelefonica.com.br, Luiz Henrique Fernandes Beraldo (53/54) colegio8demaio@colegio8demaio.com.br, Marcos Geraldo Guerra (55) mguerralvs@gmail.com, Mauricio Mascari Ferraz (51) mmferrazold@gmail.com, Mauro Reinaldo Pereira (53/58) mauroreinaldo@ig.com.br, Olavo dos Santos Jacob (53), Orishio Kumayama (57), Paulo Norberto Toledo Collet e Silva (51/53) densercollet@uol.com.br, Ramão Mamoré Luciano Martins (57/58) ramão.martins@gmail.com, Ronaldo Santos Pupo (52/53), Silvio Custódio de Almeida (56/57), Tarcisio Vieira de Moraes (51) isabel@upsyn.com.br, Waldemar Waldir de Faria (55/58) vickjohns@hotmail.com, Walter Miguel de Moura (51/55).

COMPLETARAM 80 ANOS DE IDADE: Almir Pessoa Cesar (49/52) loricalber@gmail.com, Antonio de Lima (50/54) fjslima2009@hotmail.com, Antonio Glair Santarnecchi (49/50) marcos.santarnecchi@volkswagen.com.br, Armando Dónola (49), Dom Fernando José Penteado (49/53) dfernandojac@uol.com.br, Francisco Fierro (49/53) ffierro@uol.com.br, José Branco Zuglian (49), José de Mello Junqueira (49/53) mellojunqueira@uol.com.br, José Maria Bolini Campos (49/50), Luiz Furlanetto (49/53) furlanettolui@hotmail.com, Octávio Felipe Castelo (50), Otto Mello (49/52) ottomello@terra.com.br, Roberto Pauletti (49/51) ropauletti@ig.com.br, Sinésio Barbosa de Mello (50/55), Valter Rodrigues Maria (50/51), Vicente Águito Salotti (49), Zeferino de Souza Coelho (49/53).

COMPLETARAM 85 ANOS DE IDADE: Antonio Godinho (46/51)-Pirapora god.antonio@yahoo.com.br, Rubens Heitzmann (44/48)-Pirapora

COMPLETARAM 90 ANOS DE IDADE: José de Arruda (Professor), Mons. Waldemar Marques Conceição

ANIVERSARIANTES DE ORDENAÇÃO PRESBITERIAL: Edson Frade - Fradão (60/63) 35 anos lr.bernardo@mosteirodaesperanca.com.br, João Ripoli (57) 50 anos, José Maria Pinheiro (51/57) 50 anos d.jmp@hotmail.com, José Oswaldo Clemente (54/57) 50 anos sst.dioc.taubate@itelefonica.com.br.

ANIVERSARIANTE DE SAGRAÇÃO EPISCOPAL: Fernando José Penteado (49/53) 35 anos dfernandojac@uol.com.br.



Luiz Loureiro*

Naquela época do ano as encostas às margens do Reno ficavam douradas pelas vinhas e as folhas brilhavam ao sol.

Da janela do trem que corria no fundo do vale, Helmut admirava essa bela paisagem e sem saber por que vieram-lhe à memória as tristes lembranças dos anos sessenta, quando, ainda jovem, morava em Berlim.

A cidade, repleta de cicatrizes da guerra, fora dividida em setores, porém as pessoas ainda podiam se locomover entre eles.

Helmut morava no lado americano, Annelise na parte que coube aos russos.

Protagonizaram um grande amor de juventude, daqueles que arrebatam e transformam os maiores problemas em coisas sem importância. Faziam planos de casamento e morar na Áustria, onde ela tinha parentes a lhes dar suporte.

E o muro de Berlim os separou.

Annelise bem que tentou se comunicar, até pensou em fugir. Mas era muito perigoso, havia prisões e mortes a todo momento. A eles restou a esperança de que tudo aquilo seria provisório e logo terminaria.

Muitos anos depois, quando o muro caiu, bem que ele tentou localizar Annelise. Não mais motivado pela paixão juvenil, mas pela curiosidade em saber o seu destino. Soube que ela havia se casado e saíra do país. Foi o máximo que conseguiu descobrir.

O vagão restaurante já estava aberto para o jantar. Sentado à mesa junto à janela, Helmut apreciava as barcaças subindo e descendo o rio.

Assim como vieram, aquelas tristes lembranças se esvaíram. Na verdade, seu cérebro havia desenvolvido um mecanismo de defesa para que a visão daqueles doces dias pré-muro, e também a daqueles mais amargos, não mais o perturbassem.

Já havia feito seu pedido ao garçom quando reparou na mulher, de costas, duas mesas à frente, parecia Annelise, será?

Levantou-se e foi até o bar pedir algo, arrumando desculpa para, na volta, poder ver o rosto dela.

Quando seus olhares se cruzaram, teve certeza: era ela. Não parou e seguiu para sua mesa.

Annelise continuava linda, mais ainda do que quando a conhecera. O passar dos anos lhe havia conferido aquela beleza que somente as pessoas maduras e felizes consigo mesmas conseguem ostentar.

Ficou na dúvida em abordá-la, preocupado com a reação de ambos. Mas, antes que pudesse tomar qualquer atitude, Annelise veio ao seu encontro. Emocionados, abraçaram-se carinhosamente e dedicaram todo o jantar a passar a limpo suas respectivas vidas.

Ela ia a Viena, visitar no hospital o velho tio que a acolhera após aqueles anos de chumbo. O marido ficara em casa com as crianças.

Ele contou sobre as tentativas frustradas de localizá-la e ela desculpou-se por não ter feito o mesmo, afinal estava casada.

Mas, agora, após tantos anos, isso já não mais importava. O que contava é que lá estavam eles, juntos, a rir e a beber um bom Riesling, jogando conversa fora, como se aquele encontro tivesse momentaneamente cancelado suas agendas e apagado todas as preocupações.

A conversa foi se prolongando, até que o casal foi gentilmente convidado a se retirar. O vagão restaurante iria fechar.

Despediram-se com beijos fraternais e cada um foi para a sua cabine, prometendo se ver no café da manhã, naquela mesma mesa, quando então trocariam telefones.

No dia seguinte, ele, atrasado, foi ao vagão restaurante para encontrar Annelise. Mas ela não estava lá. Sob o vasinho de flores, o colorido e perfumado bilhete de despedida se destacava no branco impecável da toalha. Annelise lhe desejava toda a felicidade do mundo, mas não poderia vê-lo mais. Pedia que a perdoasse.

O trem havia parado e ele ainda procurou por ela na plataforma. Novamente a viu de costas, já longe.

Segurou o ímpeto de correr e abraçá-la, talvez sem nada dizer, apenas beijá-la apaixonadamente.

Na cabine de Annelise, o camareiro não precisou arrumar a cama. Os lençóis estavam intactos.



(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 65 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Nota da Redação: Continuamos a reproduzir partes do livro do nosso colega Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56). Os capítulos publicados não seguem, obrigatoriamente, a ordem constante no livro. Aos que quiserem se deliciar, antecipadamente, de toda a obra do Quim, devem acessar o link: <http://177.103.223.197/Echusdolbate/>

Quinta-Feira Santa

A Semana Santa de 1951 deixou em mim uma profunda e rigorosa marca de peso e lamentação adolescente. Fui um dos treze escolhidos para a cerimônia do lava-pés. Imbuído da simbologia desse tradicional momento nas celebrações da quinta-feira santa, esperava participar da sua especial solenidade e nem passava pela minha cabeça desmitificar aquele belo cerimonial.

Pensava na imitação de Cristo como um acolhedor de seus convidados. Era uma prova de amor e de humildade que, ao longo dos séculos, foi sendo admitida pelos papas e se tornou parte das comemorações da Igreja. Lembrança e repetição da condescendente e afável atitude de Cristo na última ceia, além de convite para seus seguidores a que acolhessem os fieis com docilidade.

A preparação já me foi inquietante. O banho extra, perfeitamente compreensível, deu início, no entanto, a uma série de outras preocupações: a advertência para que dessemos especial atenção aos pés e, antes da cerimônia, o sacristão passou perfume em nosso pé direito.

Os escolhidos estão aqui na minha frente, em foto antiga, revelando risos ou seriedades, todos embatinados e com sobrepelizes, prontos para a cerimônia do lava-pés: **José Maria Pinheiro**, nosso fraternal bispo, perene missionário em terras da Amazônia, da França e, especialmente, de Bragança Paulista; **Amivaldo Moraes**, que entrou no mesmo ano de 1951 e ficou até 1954; **João de Assis Benvegnú**, que esteve lá por seis anos; **Darci Jacob Cargnelutti**, saltense da velha guarda; **Eládio Bispo do Prado**, bispo só no nome e que depois foi grande craque do Clube Ituano; **Sérgio José Schirato**, que depois estudou em Roma; **José Maria Germano**, nosso colega até a morte, que depois teve, a pedido seu, as cinzas jogadas lá de cima do morro Saboó; **José Lázaro Éffori**, outro saltense, também romano e amigo eterno; **Ismael Mantovani**, que no seminário esteve durante cinco anos; **Dionísio Leite da Costa**, o famoso mister Milk das aulas de inglês do padre Ruy, meu colega de bairro, de paróquia, de São Roque, do Central do Ipiranga e de Aparecida; **José Wolf**, outro saltense, romano e também de amizade eterna; **Durval de Almeida**, de apelido “sapinho” por ser de Itu e baixinho, eminente

vigário de sua cidade ainda hoje; e eu, que narro estes fatos à procura do sabor da memória que revivencia e reverencia rostos infantis, dez deles ex-futuros padres.

Por que a escolha de treze e não doze, número dos apóstolos de quem Cristo lavou os pés? As tradições se foram formando na Idade Média: em alguns lugares, doze homens representando os doze apóstolos; em outros, entre eles em Roma, eram treze. Será que o décimo terceiro pé seria o de Maria Madalena, substituída por um homem? Da Vinci teria apostado sua interpretação a esse fato, sugerindo a falta de alguém na pintura da Última Ceia, naquele espaço entre o Cristo e o apóstolo a sua direita? Madalena sempre foi abduzida da sala nas representações artísticas da Ceia. Mas há uma outra

explicação dada pelo papa Bento XIV. Dizia ele que o papa Gregório Magno, nessa mesma cerimônia da quinta-feira santa, ao lavar os pés do décimo segundo, descobriu que ainda havia mais um. Ele mesmo explicava que se tratara de um anjo. E agora o papa Francisco inaugurou outra tradição, ao lavar os pés de duas mulheres e de dois homens muçulmanos.



Tradição também anda no tempo.

O celebrante daquela noite foi o padre **Pascoal Amato**, nosso amado orientador espiritual. Sem dúvida era ele o representante de Cristo como o acolhedor, o que hospeda e recebe com altruísmo e gratuidade. Era ele o samaritano que cuidava dos meninos-alunos da escola de fraternidade que era a Igreja. Naquele cerimonial, estava superada a diferença entre superior e inferior em troca pela relação de aliança e de igualdade. Assim, ele lavava as nossas consciências de nossos defeitos com a orientação espiritual, e agora também lavava nossos pés, retirando deles o pó das coisas do mundo. Ritual de purificação em dose dupla.

Eis, porém que.

Terminada a cerimônia, fomos para o recreio onde os treze, ainda embatinados, comentávamos o acontecido. Então, apareceram alguns colegas dispostos à zoeira. Foi um deus nos acuda! As brincadeiras se sucederam e até alguns tapinhas na orelha aconteceram a fim de marcar presença na gozação. Só que comigo foi mais chato. E não é que acabaram por identificar-me ao Judas? Confesso não ter entendido a razão, mas aconteceu, especialmente por ação efetiva de três colegas que costumavam tirar um sarro de mim. Joel

Barbieri, Camilo Desmoulins e Adair Guarnieri vieram com tudo para cima de mim, certamente com o intuito de me darem uns safanões, de brincadeira, é claro. Mas, de fato me assustei e achei por bem sair em disparada para fugir da sanha daqueles perseguidores. Quando me senti livre deles já estava subindo o morro no final do recreio, lá mesmo onde havia plantação de laranjas. Foi um sufoco! Pensei: o pomar me salvou.

Aí aconteceu o drama de adolescente. Não conseguia absorver a ideia de ter sido considerado o Judas do grupo. Por que, afinal? Seria eu o traidor, o vendedor de Cristo? Para fugir dessa ideia teria eu de me enforcar? Credo! Coisa de criança medrosa, medo de ficar no escuro, medo de ficar sozinho... No entanto, escapei de ser considerado a Madalena davinciana. Escapei também de ser o anjo gregoriano. Mas por que Judas?

No sábado de aleluia, uma complicação a mais: a malhação do Judas com a camisa do meu time do coração. Assustei-me tremendamente. Caramba! pensei: o que está acontecendo comigo?

Apiscina



A água era verde e gelada. Exigia intensa movimentação no seu interior para permanecer com o corpo aquecido. Além do mais, era proibido o banho de sol; quer dizer, só podia ficar dentro da água. O comando era do padre ministro, rigorosos ambos: o comando e o ministro. Eu me deslumbrava com a capacidade do Walmir de boiar de costas, assoprando para o alto as cascas de jabuticaba com que se deliciava. Morria de vontade de flutuar e, ao mesmo tempo, apreciar aquela fruta silvestre típica da Mata Atlântica. Minha admiração era uma pergunta: como é que ele consegue? Olhava seu gesto como um convite ao equilíbrio e ao domínio do corpo e da mente que eu sabia ainda não possuir.

O trampolim

Lá perto das cabines de troca de roupas, havia o trampolim. De madeira, móvel e flexível para o devido movimento preparatório ao mergulho. Meu batismo foi um mergulhão em que consegui muito mais precipitar água encharcando todos os que por ali estavam e que reclamaram daquele verdadeiro escabritamento. Na verdade, ao tocar a superfície aquosa, senti o tranco muito mais de quem dá uma cambalhota do que um mergulho. Foi um vexame para mim e uma diversão para os outros. Nem fui ao fundo, e voltei à tona num pinote de

quem nadava como uma pedra, atolando-me mais no medo do que naquela água perenemente invernal.

O raso

Afogar-se no raso? Como? Qualquer moleque daquele seminário podia ficar sossegadamente no raso da piscina, mesmo sem saber nadar. Era pouco profundo, pois. E havia uma pedra demarcatória, denunciando o início do fundo que, para a criançada, era o perigo. E, depois, havia sempre o Ministro, de olho nos pivetes mais ousados. E havia ainda uma boia de câmara de pneu de caminhão, com tiras de borracha ligando sua circunferência. Inocente brinquedo naquele raso sem perigo algum. E sobrou a boia para mim. Sentei-me nela como quem ia para a rede da varanda, balançando de lá para cá. Uma beleza. Não sei porque, porém, enrosquei um pé nas tiras e acabei por virar o corpo todo, ficando debaixo da água. Quanto tempo? Sei lá. Mas foi o suficiente para tremendamente me assustar. Até conseguir me desvencilhar das tiras e ficar de pé durou uma eternidade. Ninguém viu, ninguém me falou nada nem me tirou sarro. Só meu anjo me fez uma sutil coceguinha no pé.

O mergulho de Jésus

Houve um dia em que a morte nadou na piscina. O garoto **Jésus** mergulhou fundo e de lá não voltava. Colegas e o Ministro entraram na água para procurá-lo. Quando o trouxeram à tona se deram conta de que algo grave havia acontecido. Tentaram reanimá-lo e nada conseguiram. A consciência do que havia acontecido tomou de assalto os rostos e o ânimo de todos. A notícia subiu o bosque com presteza vertiginosa e logo todos os alunos sucumbiram ao catifeiro do medo. Entre nós, os menores, reinavam o pânico e a perplexidade. Como pode? O que farei ao mergulhar naquela piscina? Antes de o pavor assustoso dominar a garotada, padre Pezzoti saiu com os pequenos para caminhar pelas redondezas. Com ele rezamos, com ele respiramos fundo por aqueles caminhos, com ele relaxamos os semblantes e os corações, recuperando a coragem perdida no susto.



Seu Lourenço

No dia do enterro do Jésus, presenciamos a chegada de seu pai, seu **Lourenço**. Indelével lembrança que aumentou nossa sensação de tragédia. Uma cadeira perto do caixão. Imaginávamos que fosse para alguém nela sentar. Não era. Seu **Lourenço**, com as pernas contraídas pela poliomielite, mas com um vigor fora do comum, sozinho se pôs naquela cadeira, alcançando de algum modo seu filho morto. Outra vez uma visceral comoção perpassa pelo saguão de entrada. Nunca aquele lugar foi tão fúnebre como naquele momento.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 76 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

Grazie Tante: Discurso sobre anjos e pupilos



José Moreira de Souza*

Os anjos, todos os anjos

Louvem a Deus para sempre amém!

O que é ser anjo? Eu me pergunto e respondo rápido.

Anjo é uma das instituições mais sábias inventadas para promover a recepção dos novatos no seminário. A contraface de anjo não é o demônio, diabo, satanás, coisarum. É pupilo, algo muito diferente do calouro. Calouro é o greenhorn sabiamente apresentado por Karl May no primeiro capítulo de Winnetou.

Lieber Leser, weist du, was das Wort Greenhorn bedeutet? (...) Ein Greenhorn ist demnach ein Mensch, der noch grün, also neu und unerfahren im Land ist und seine Fühlhörner behutsam ausstrecken muss, wenn er sich nicht der Gefahr aussetzen will, ausgenlacht zu werden.

Greenhorn - chifre verde - diz Karl May aplicando o termo a si mesmo: Ein Greenhorn ist eben ein Greenhorn - und ein solches Greenhorn isch damals auch. E acrescenta, agora segundo o tradutor: “Não se pense que eu estivesse convencido, ou desconfiasse, mesmo de leve, que semelhante chacota tanto me conviesse.”

No Compêndio de Teologia Ascética e Mística, Tanquerey discorre sobre as três vias de acesso à divindade.

A primeira é a purgativa, o estádio do Greenhorn, eu diria. A segunda, a contemplativa. A terceira e última é a dos santos: a via unitiva - o estado de silêncio absoluto, no qual somente se ouve a Voz de Deus.

Pois bem, o seminário ao inventar o Anjo cuidou de eliminar o ordálio da purgação, ou torná-la mais leve e suave. Há o Regulamento, “ma il regolamento e il regolamento” decreta Frederico Fellini em emblemática cena da partida para o céu. O zelador dos preceitos regulamentares é o Prefeito, o homem da polícia. Cabe, portanto, ao anjo acompanhar e instruir o pupilo para evitar encarar o chifre duro da ordem policial.

Ao chegarmos a São Roque em fevereiro de 1955, cada um de nós procedentes do Seminário Menor Nossa Senhora Aparecida, fomos contemplados com um anjo. O meu se chamava Geraldo de tal. Ao anjo cabia zelar pela tradição do regulamento, ou o regulamento como tradição interpretada no saber do cotidiano. No refeitório sentava-se ao nosso lado. Geraldo ensinou-me um dos preceitos

mais preciosos para toda a minha vida. “Ninguém é dono de nada, apenas zelador.” Puro comunismo. Nossos pais nos enchiam de guloseimas. Em Aparecida, quem era contemplado com essas prendas tornava-se senhor absoluto, propriedade era poder. Proprietário. Quando admitia distribuir um pedacinho de doce, era apenas para os mais chegados. Geraldo explicou: “Deixa circular na mesa.” Desse modo, cada um fruía o quanto julgasse necessário.

Contudo, esses anjos faziam a mediação entre a ordem do regulamento e as pequenas ações do cotidiano sem atenção para o chifre inexperiente dos novatos mineiros. Nós introduzimos em São Roque uma novidade. O chifre verde dos mineiros tinha de se confrontar com o chifre maduro e duro da maioria paulista ou paulistana. Nesse momento, surge um paulista-mineiro-italiano. Síntese quase impossível.

Era o **Attilio Brunacci**. Não sei por que cargas d'água, Attilio se converteu em um anjo especial. Interpreto que seu objetivo era de nos ensinar a ser mineiros em São Paulo. Coisa que aprendera por conta própria ao migrar de Poços de Caldas para a megalópole. Porém, o percurso é maior e o tornou um excelente embaixador.

A palavra chave da atividade desse embaixador era e sempre foi; “Oh, mineiro”. Tradução: “Fixe sua idiossincrasia” que alguém poderia interpretar como Harry

Dee ou Cláudio Lightfoot de Francis Finn [leituras de refeitório]: “Ida à cintrazinha”. Attilio, além dos dons pessoais, tinha uma vantagem, descendia de uma família de imigrantes italianos, nasceu e morou em Minas Gerais, numa Minas de extrema, onde ser mineiro tinha muito com o desejar ser paulista, respirou todo o saber italiano e seu esforço de amadurecer o chifre no Brasil. Viveu o amadurecimento da colônia italiana na metrópole e conhecia todas as manhas da confrontação do que se chama “cultura”, grupo de referência, quejandos e quetais.

Esse **Attilio Brunacci** se mostra de corpo inteiro em sua obra. Apresento ao leitor de nosso **Echus o Grazie Tante** e faço rápida menção às que resultam de seu trabalho profissional [**São Paulo na frente pelo trabalho**].

São Paulo na frente pelo trabalho - interpreto - é brinde da herança dos imigrantes italianos que fizeram de São Paulo a locomotiva do Brasil - Non ducor, Duco. - São Paulo das indústrias e o trabalho, mas principalmente do



Attilio, Gilmar e Pe.Bita

questionamento à ordem do tripalium, do sofrimento psíquico imposto pelo que a escravidão exibía sem disfarce e o trabalhador livre escondia sob a máscara do politicamente correto. O subtítulo dessa obra é “O lado humano do combate ao desemprego”. A “Apresentação” assinada por **Walter Barelli** torna essa obra coisa de Grêmio Literário. Nela Walter, cuida de isentar o estudo da responsabilidade do governo, mas a vê como Eco importante para fixar as dificuldades e acertos do programa de trabalho em situação de desemprego. É mais uma vez Atílio embaixador.

Converso agora com o leitor a partir de **Grazie Tante**. É uma obra de agradecimento. Grazie, gracias, grato, gratias agamus é muito melhor do que “obrigado”. Lança-nos em outro mundo. Curioso é que a palavra gratidão vem subrepticamente sendo combatida. Há uma cena emblemática no Poderoso Chefão para o que há de execrável na gratidão. Graça e agradecer é libertar-se de obrigação. É manifestar alegria pelo que o outro nos passou.



É isto que Atílio nos passa pela leitura dessa obra. Aparentemente é uma história de família. Mas é principalmente um convite para o leitor se incluir na grande família da diversidade criada pelas migrações. Imagino pessoas em torno da lareira, pode ser da fogueira de São João, pode ser na cadeira de balanço, ou na rede da casa grande, todas atentas para conhecer “la regione delle Marche”, viajar para a, então “estância di Poços de Caldas, sede definitiva dei Brunacii in Brasile”, e conhecer a São Paulo dos imigrantes italianos que fizeram dessa cidade provinciana, metrópole cosmopolita.

Da leitura dessa obra brota espontâneo nossos agradecimentos. Atílio revela que cada pessoa carrega em si uma história. No caso dos Brunacci, a história da Europa; mas há os Ferreira, Goes, Lopes, da Silva: Brasil e sua história. “Num grão de trigo habita alma infinita”.

Cada capítulo convida o leitor a viagens; fixo no intitulado “**Brunacci, um sobrenome**”. Atílio parte do século VIII. Segundo ele, Bruno era empregado tanto para

expressar um nome próprio como para significar um apelido carinhoso, como parte integrante de alguns nomes compostos.” Braun, Brown, brunus é extensão de cor escura luzente, ou castanha, ou bronzeado, moreno. Aí ele continua as aulas do padre Tarcísio até poder registrar o **Brunacci histórico** perambulando pela Europa - de Perúgia, a Paris, Colônia - pelos anos de 1240 a 1322. Coisa boa ouvir histórias de Nicola Brunacci, Francesco Brunacci - 1410 - 1470 -; Gaudenzio Brunacci - 1631 - 1669; Giovanni, Vicenzo, todos Brunacci.



Com esse convite, saltei de imediato para compulsar Moinho esmola, moeda e limão: conversa em família de Bolívar Lamounier. [São Paulo: Augurium, 2004] Nessa obra, dividida também em duas partes, “Antepassados imaginários” e “Antepassados de carne e osso”. Bom contraste, nomes fundados em profissão e nomes fundados na aparência física. Sigo para os “Dória” originados no Brasil das órfãs recomendadas pelo padre Manuel da Nóbrega para moralizar a volúpia dos portugueses no processo de colonização e chego aos Moreira de Souza, Mamonas, Ferreira Mascarenhas - meus ancestrais e concluo. Também sou um Brunacci crioulo.

Grazie.

Ps. A última vez que recebi a visita de Don Brunacci em Belo Horizonte, denominei sua visita pastoral com do “inquisidor”. Ele certamente apreciou esse cumprimento e respondeu à altura. Isso é código. Recomendo a leitura de “Xingamentos dos Remeiros do São Francisco”, [Revista Comissão Mineira de Folclore, 21, 2000]

Os barcos ao se cruzarem saúdam:

- Tropa de chibungue.

- [resposta] Cambada de fi-duma-égua.

- Prenderam seu pai roubando farinha. Tá na Cadeia de Pilão Arcado.

- [resposta] E seu pai tá roubando os cegos de São Romão.

Esses cumprimentos cordiais têm limite. Quando um dos barcos transportam mulheres, o piloto logo avisa: “Sexta Feira da Paixão”.

Esse mau hábito do politicamente incorreto, é mais comum do que se pensa. O pobre do Mosquinha teve de correr para apagar o fogo.

(*) José Moreira de Souza, 73 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. josemoreira@superig.com.br



© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



Antonio Carlos Corrêa*

Oh, João Armando! Por que agora e para que essa pressa toda? Isso é lá idade e tempo para partir? É incompreensível! Achávamos que você ainda teria muito o que fazer por aqui, tudo isso, além de ser demasiado cedo diante da tremenda oferta de qualidade de vida desses nossos tempos. Nunca lhe passou isso pela cabeça?? A medicina aí... tão desenvolvida... tantos recursos!?!?!? Que bobagem a sua!?!? Porque você não entrou nessa? Foi falta de cuidado, de atenção? Ficamos e estamos todos revoltados com sua partida, pois... justamente você? Ah, você, não! Porquê? Prá quê?

Ninguém pode responder isso aí, eu sei... De todo modo, sua partida de agora é um alerta para todos nós... Temos que pensar assim... uma lembrança compacta e nada sutil de que estamos aqui mesmo apenas de passagem... não viemos para ficar... de que devemos viver o presente, viver um dia sempre como se fosse o último e, além disso, com muita alegria, com muita fé. E digo, com pelo menos um pouco da grande alegria que você tinha, um tiquinho só já estava bom, um pouco da alegria que você era. Mas a dor, putzgrilas, João, ela é muito grande.

Somos sempre pegos de supetão... é sempre assim, por mais que sejamos avisados pelos ventos e eventos, pelos diagnósticos e prognósticos, pelos tumores, pelas verrugas, pelas dores e fraturas - ai, a bendita pressão! - é sempre uma surpresa. Nossas vozes internas; tudo o que nos diz o coração, os avisos, os sinais indiretos, todas as sincronicidades e nossos lapsos e equívocos. E ela acontece... leva tempos para a ficha cair; não acreditamos; nosso complexo de imortalidade... complexo de eterno prazer e felicidade que sistematicamente subtrai a morte. Os anti-ácidos, os analgésicos, as próteses, as órteses, as perucas, os comprimidos, as garrafadas, os exames, as pseudo-amnésias... nada disso adianta! Eis que a hora chega. Grande parte de nossa revolta se dá, porque nas entrelinhas, nas subcamadas, em nossos acolchoados internos, ainda achamos que a morte é algo evitável - perfeita e logicamente evitável! E se houve que acontecesse: mero acaso ou culpa de alguém irresponsável, negligente, imperito, imprudente, incauto, in-gnorante, infeliz... E aconteceu!

É verdade que a morte faz mesmo parte da vida... é muito difícil carregar essa cruz e mantê-la acesa em nossa consciência, percebê-la em sua devida dimensão como parte integrante de nosso ser. Vida e morte. Ai, esses opostos! É isso o que a cruz significa, um prá lá, outro prá cá, sendo necessária sua integração. Jesus Cristo ensinou-nos esse caminho, a derrota do ego. Da maneira com que tanto sofremos com nossas perdas e com a própria idéia da morte -

verdadeira repulsão -, torna-se evidente que nos assentamos sobre uma determinada e estranha idéia, verdadeiro axioma que, ao examinarmos, nos parece muito do absurdo... ou seja, como se a vida mesma fosse uma doença mortal adquirida por via sexual. Pode?!?!? Agimos com essa idéia dentro de nós! Foi alguém com muita sagacidade que nos alertou para isso... e estava certo ao dizê-lo, o que é totalmente ridículo. De fato, somos todos muito ridículos! No entanto e mesmo assim, é verdade que nos movimentamos no mundo sobre essa incrível plataforma e que ela nos tenha sido inculcada a partir desse desastroso período do Iluminismo - desastroso, quero dizer, para a alma humana. Temos ciência, aindassim, de que antigamente as coisas não eram bem desse modo; o homem já foi menos onipotente... Hoje vemos que bombástico Paracelso devia saber do que estava falando... A morte já foi encarada de modo muito mais natural - isso nós vemos nos livros, nas pesquisas antropológicas, pois é bastante difícil de se encontrar exemplos vivos, uma raridade.. talvez dentre os indígenas, os aborígenes... e também, claro, os próprios animais. Meu canarinho é o meu professor diário! Nossos cachorros são mais seres vivos não impregnados por idéias falaciosas do que nós, que depositamos essas questões bem lá trás, nas sombras. Somos modernos, mais ainda, pós-modernos; acreditamos piamente no progresso, no desenvolvimento... agimos e pensamos como se fôssemos seres superiores e ultra desenvolvidos e que, nesse nosso trajeto acompanha-nos igualmente uma evolução espiritual... somos todos darwinianos, mas nos julgamos o máximo da criação. Besteira nossa,

João! Dia a dia estamos nos desumanizando. No entanto, por ainda não havermos perdido totalmente nossa humanidade, nós intuimos sua compreensão - isso ainda existe. Nosso coração não desistiu e ainda nos diz que, sim, nós podemos e temos condição de compreender, aceitar e integrar a sua partida, João, isso é certo. Ouvimos em nós que a qualquer momento conseguiremos discernir seu sentido, a própria morte, que venceremos todos os obstáculos, tanto os pessoais quanto os culturais, que tomaremos partido e seguramente a morte será vivida no cotidiano como o algo natural que ela é. Só assim... e não tem outro jeito. É natural, e é exatamente assim que Deus quer que aconteça.

Acreditamos assim e isso nos conforta, alivia nosso sofrimento, tira-nos do sufoco e da angústia, dá-nos mais coragem, mais ânimo e... esqueçamos essa mania atual de achar que para tudo existe uma explicação racional. Pura tonteria! A vida humana é e sempre será crônica. Somos realmente apenas um pálido ponto azul. Nosso contato com o coração, com essa inteligência diretiva, fonte de todo conhecimento relativo à natureza de nosso ser e devir,



João Fornazieri

haverá de nos ajudar a cortar esse caminho e a não nos enveredarmos pelos becos-sem-saída e falácias de nossa civilização nihilista: vamos lá direto na aceitação, curvando-nos humildemente aos mistérios da vida, aos desígnios de Deus sempre na marcha por nossa unidade essencial. Somos pó.

O João Armando vai fazer - isso, sim - muita falta, não apenas, mas também, para a Turma do Ibaté. Era seu espírito, sua graça, seu bom humor, sua inesgotável alegria. Contagiante, sua alegria era contagiante; parecia transformar os ambientes, do tipo que levantava o astral e o moral. Imagino as algazaras que deva ter aprontado quando na flor de sua idade... cabeça fenomenal, não há dúvidas, uma grande inteligência e presença de espírito... Nos encontros, sempre lhe recordava uma história, e das boas. Ao narrá-la - experiência marcante - exprimia verdadeiro êxtase, gargalhadas, lágrimas de alegria, intenso prazer. Um transe. Ele adorava contar aos ibateanos uma fábula, uma história, uma passagem muito interessante de sua vida. Incansável em sua repetição.

Nunca estressou seus ouvintes, pois a história era boa mesmo. Foi quando, recém saído do seminário, viu-se na fila para a inscrição ao vestibular da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo. Ao chegar sua vez, o secretário, guardião daquele sagrado templo da cultura nacional, após tomar conhecimento de que havia estudado no Ibaté, levantou-se eufórico e bradou aos outros que ainda ali estavam naquela longa fila: "Vocês sabem que há 200 vagas apenas para este vestibular; heii, sim, todos vocês querem estudar aqui e para ser advogados... no entanto, fiquem sabendo que as coisas não são mais as mesmas: agora são 199 as vagas. Eis que acaba de chegar aqui este rapaz, ele é o João. É garantido que uma dessas vagas é dele. Nem ousem duvidar. E também não se revoltem com isso. Se quiserem, venham aqui para examinar o seu currículo e aí compreenderão. Não existe coisa melhor neste mundo! E saibam que ele não é nenhum protegido ou filhinho-de-papai, não, não! Aqui não existe nepotismo. Estão pensando o quê??? É porque ele é bão de verdade. Ele estudou no Ibaté. E isso basta! E vocês? Ah, vocês... Vocês agora que se preparem melhor, que se apliquem, que estudem direito, enfim, que se virem!". Ao término, o espaço para longas gargalhadas, seu peito inflava-se de orgulho e gratidão e o olhos choviam. Tal lembrança não lhe era um pequeno acidente, uma simples ilhazinha, mas um grande continente, um vasto oceano que inundava sua alma, e sua constante narração denunciava humildade, gratidão e reverência. Eu não saberia agora dizer se sua platéia sempre fora composta de meninos lá do Ibaté. Se assim o era, podemos pensar que dessa maneira queria enaltecer e dar crédito à formação ali oferecida para todos nós, fazer-se testemunha do quanto lhe fora importante, melhor ainda, fundamental toda aquela experiência, ao menos a de seus tempos; ele era um dinossauro dos anos 1950 a 1955, dos tempos em que os levitas quase nem saíam de lá... nas férias, talvez, havia estudo integral... E dá-lhe reza... joelhos paquidermes. Dedos calosos de tanto arrodar o terço. Mas talvez ele não pudesse dizer o mesmo dos tempos do seminário após 1968, 1969... em que lamentavelmente nem mais a matéria Latim constava na grade curricular... foram múltiplos os Ibatés e ele almoçou um dos períodos áureos, não resta dúvida. A mim também parece que quisesse transmitir a mensagem de que era um homem de sorte: na hora certa, no lugar certo, o universo conspirando

em seu favor, o Ibaté e as Arcadas... E seu espírito era livre; seu bom humor indicava isso. No entanto, não acho totalmente correto pensar que sua força, coragem e fé na vida se devessem apenas a esses fatores, a boa formação, as boas companhias, as boas orientações e tanta sorte. Tudo indica que ele não se dava conta disso... do alto nível de sua cognição. Seu QI (quociente intelectual) não devia ser menos que 150, afirmo eu. Um gênio. Sem dúvidas, uma grande capacidade, um grande talento natural. Tantos colegas puderam acompanhar seus passos e até poderão contestar-me. Do Ibaté, quem é que poderia se emparelhar com um Fornazieri?... não devem ser tantos, é certo. Eu mesmo estou bastante longe disso, numa gradação Kelvin. Contudo, arriscando-me a arder nos caldeirões de Pedro Botelho, por pecados por omissão, ousou tecer uma pequena lista, citando, quem sabe, um **Jurandyr Amadi**, um **Tomaz Toledo**, também os **Espíritos Santos**, ou seja, **José Amaral** e **Getulino Maciel**, os jovens **Holien** e **Otto Dana**, um **Bernardo Mendes**, um **Antônio Milan**, um **Cesarino**, um **José Moreira**, um **Cláudio Giordano**, evidentemente, ou os promissores garotos **Geraldo Luciano** ou **Oliveira Leite Gonçalves**... são apenas alguns... gente que nem de fato precisava estudar, escabelar-se como a grande maioria de nós, da plebe, pois apreendiam a matéria com a mesma facilidade de um Hermes.

Pouco importa tudo isso... João era um homem especial. Alguém tem dúvida disso? E ele já está fazendo falta. É uma dor muito grande assistir ao paulatino esvaziamento do Caminhão do Ibaté. Ah, como isso é doloroso!. Dra. Ana Maria, sem dúvidas, é quem mais sente essa ferida. E ela há de fechar, curar-se. Uma pequena cicatriz apenas haverá de ficar, como tudo afinal; as cicatrizes também são nossas marcas, são parte integrante de nossa identidade e caráter. Do lado de cá, todos nós torcemos e oramos para que ela venha a surpreender-se com as forças que já deve ter para enfrentar e integrar essa grande perda, tida como uma das mais difíceis de metabolizar-se, a perda do parceiro. E isso vai acontecer; tudo tem sua hora. No momento, que lhe chegue todo o apoio de que necessita e merece.

Não vamos apelar a videntes nem buenadichas: é o nosso coração que intui, que ouve as palavras que nos trazem o conforto e a compreensão adequada. São as palavras do próprio São Pedro, aqui e mais uma vez, que anunciam a todos nós que constituímos essa grande "fila":

"Chegou aqui mais um, o João Armando. A hora é do João, minha gente. Aqui é alegria só. Para nós, ele ficou muito tempo aí... sentíamos a sua falta, por isso o chamamos de volta. Vocês devem achar exatamente o contrário, ou seja, de que ele viveu pouco tempo por aí... que poderia ficar mais e mais e mais. Mas as coisas não funcionam assim. E saibam também que, por sua biografia aí na Terra - eu acompanhei tudo bem de perto - a ele é garantida uma vaga. Ele agora faz parte de nosso exército! Ele voltou, afinal, para o nosso exército, guerreiro que sempre foi, e está muito bem, obrigado. Aliás, compreendemos que ele nem deveria ter ido, mas, no entanto, é que lhe foi designada uma missão especial e, na medida em que o Pai percebeu que ele já a tinha cumprido, tão honradamente, diga-se de passagem, houve que deveria ser trazido de volta. Ele então cumpriu sua missão. Nada mais havia aí para ele fazer. E vocês... ah, vocês aí desta bendita fila! Em primeiro lugar, vocês são uns bobos... vivem... gastam, desperdiçam suas vidas pensando,

preocupados com essa tal fila, formando fila, imaginando fila... Perguntando-se mutuamente: 'Quem haverá de ser o próximo?' Bobagem! Querem saber? Não existe fila alguma! Em última instância e resumindo, tudo depende do humor e da vontade do Pai Eterno. Seus desígnios, seus projetos... aos quais também não temos acesso. É... é isso mesmo. Não acreditam? Se não acreditam, nada posso fazer. Confie. Não tem outra saída: o jeito mesmo é confiar; entregar-se e sentir-se entregue nas mãos de Deus. É o suficiente. Nem eu, que estou aqui a tempo integral, tenho idéia de como isso funciona. E olhem que já me entreguei há muito tempo, mais de dois mil anos. Apenas confio. Confio e toco em frente, com coragem. A morte e seu momento sempre serão um grande mistério. Vocês, que aí estudam tanta Filosofia, tanta Matemática, Física, Teologia, Trigonometria, Sociologia e tudo o mais devem muito bem saber o que é um mistério... Ao mesmo tempo, eu não entendo o porquê: a grande maioria de vocês vive morrendo de medo da morte... Que que é isso?!?!? Desse jeito, a onça vai devorá-los todos. Vocês sabem dos riscos... A onça tem faro suficiente para sentir o cheiro característico de quem está com medo... é aí que ela ataca e preda. Mas saibam que morrer não dói; sei bem do que se trata. Não tenham medo! O que dói é viver, entendam isso todos vocês que estão aí nesse vale de lágrimas. A vida não é brincadeira; ela é prá valer. Medo do desconhecido, angústia da separação: é sempre necessário um treinamento cotidiano e bastante intenso para que consigam ser capazes de conviver com as incertezas, com os mistérios, com as dúvidas. A vida é cheia de incertezas, mistérios, dúvidas... Querem o quê? Que tudo venha do céu? Por isso, circulando, vamos circulando, todo mundo; aqui é a entrada do Céu, do Paraíso. Chispa daqui vocês todos! Tudo tem hora! O que é que estão fazendo por aqui antes do tempo?!?!? Voltem para a suas casas, coloquem os pés no chão e entreguem-se à vida, deixem-na correr com naturalidade, isto é, morram a cada hora, a todo instante, sem restrições; cada um de vocês receberá a mensagem em sua própria hora e não se precipitem nem queiram se adiantar imaginando privilégios. Por falar nisso, o João acabou de chegar... nem pensem que ele é um filhinho-de-papai ou um protegido apadrinhado. Não, não! Ele é um concursado; trabalhou bem e se esforçou; ele cumpriu e encerrou sua missão. Foi aprovado. Mostrou que tem moral!

(*) Antonio Carlos Corrêa-Careca, 62 (64/67) é Psicólogo em São Paulo acarlos90@uol.com.br

Foi aí, por tanto tempo - todos vocês sabem... aquela vaga na São Francisco. E como causídico, por bastante tempo esteve a serviço da super hanc petram. Pois é, todos sabemos que ele teve contato até com os avessos de minha instituição, no entanto, ele chega aqui hoje totalmente limpo e impoluto, - e isso é brilhante! - incorruptível que sempre foi, submeteu-se às mais inconvenientes tentações e intempéries éticas e morais, a todas as provas. E aí? Ele, arquivo-vivo que era, resistiu heroicamente e sempre se aplicou ao essencial e, devido a sua conduta de quem nada deve a ninguém, merece toda nossa consideração, pois a ninguém e a nada ele traiu. Um homem inteiro e limpo. Daí que seu lugar é aqui, de volta. Compreenderam? Soldado nosso ele é. Chega-nos na hora certa, na hora exata. Precisamos dele exatamente aqui. E conformem-se a isso, entendam de uma vez por todas, cedo ou mais tarde, no julgamento de vocês, não importa, mas compreendam! Era a sua hora. E não vou repetir! Vocês? Ah, vocês aí nessa fila que vocês mesmos inventaram?! Vocês que se preparem, estejam sempre prontos, pois sua hora também haverá de chegar. E não se assustem de jeito algum.. Não fiquem preocupados e com o peito chiando de tantas angústias; esse medo passa logo, desde que vivam cada um a sua própria vida, o dia de hoje, sem represá-la; sigam, ouçam a voz do coração; limpem seus ouvidos! Olhem só: mirem-se, v.g., nos exemplos de João Armando, ele, sim, seguia seu próprio spiritus rector, sejam limpos como ele também, procurem sempre a alegria; purifiquem seus pensamentos e suas intenções. Deixem de besteiras e jamais se permitam a ter a sensação de que estão nesta vida apenas de passagem, como inquilinos, unicamente nos momentos em que assistem à morte de outrem; esforcem-se por incluir essa sensação em todos seus atos e em todos os pensamentos e momentos; é isso o que é morrer no cotidiano. Dessa forma não se deixem iludir e olhem sempre a para frente e para o alto, sem medo: o medo exala cheiros e odores indisfarçáveis que o cramulhão adora. E vocês, ora, ora, vocês... Vocês já sabem... querem ir para o Céu, mas ninguém quer morrer... assim não dá! Coloquem-se em ação - e vocês sabem como; desse modo conseguirão chegar a sua hora com serenidade e também estarão prestando um grande serviço à vida e aos vivos! Viva a vida! Viva o João!"

CASO EDIFICANTE

RECEITA MÉDICA



José Lui*

Um cara chegou ao trabalho todo de porre e trançando as pernas.

O chefe dele chegou e falou para ele:

-Meu amigo, que estória é esta que te aconteceu para tu estares neste estado?

Ao que o bêbado respondeu:

-A culpa é do doutor... Foi o doutor que fez isso...

-Mas como assim? O médico?

-Eu fui ao doutor, e ele me examinou e me disse para comprar alguns remédios... Escreveu num papel... Eu não entendi muita coisa porque a letra era muito ruim, mas lá embaixo dos garranchos dava prá ler: E pinga 3 vezes ao dia.

(*) José Lui, 78 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

HANS KELSEN, A FÉ E A JUSTIÇA



Paulo Francisco Toschi*



Hans Kelsen

Segundo a Wikipédia, “Hans Kelsen (Praga, 11 de outubro de 1881 – Berkeley, 19 de abril de 1973) foi um jurista e filósofo, descendente de família de judeus, um dos mais importantes e influentes estudiosos do Direito do século XX”.

“De família judaica, sendo ele mesmo ateu, Kelsen foi perseguido pelo nazismo e emigrou para a Suíça e depois para os Estados Unidos, onde viveu até a morte, tendo sido docente da Universidade de Berkeley”.

Não sou especialista em Hans Kelsen, nem li outras, das muitas obras que escreveu, tendo adquirido recentemente o livro “O QUE É JUSTIÇA?”, editado pela Martins Fontes em 1997 e com novas edições posteriores, das quais a terceira é de 2001 e teve nova tiragem em 2010. Não vou me debruçar, aqui, sobre o profundo pensamento filosófico do autor de “Teoria Pura do Direito” e outros cerca de 400 livros e artigos, que o distinguiram como um expoente da Filosofia do Direito. Não tenho competência para tanto. Pouco entendo de Filosofia do Direito e não vou além de princípios gerais dessa especialidade, pois sou um mero bacharel em Direito, formado, como se rotulava, em Ciências Jurídicas e Sociais. Mas, me surpreendi ao ler “O Que É Justiça”, ante a análise que Kelsen faz da Bíblia e do judaísmo, principalmente pelo fato de ser ele um ateu. Aprendi com esse filósofo coisas que nunca haviam me ensinado e sobre as quais nunca antes meditei.

Kelsen dedica oitenta páginas de seu livro, um capítulo todo, à idéia de justiça nas sagradas escrituras. Não vou dissecar o estudo do jus filósofo. Citarei frases interessantes. Ao falar do caráter transcendental da justiça divina, inicia dizendo: “um dos elementos mais importantes da religião cristã é a idéia de que a justiça é uma qualidade essencial de Deus.” A partir daí, desenvolve uma cadeia de raciocínios lógicos, para concluir, a partir das premissas elencadas, que “como Deus existe, a justiça absoluta existe, e, assim como deve acreditar na existência de Deus, embora não seja capaz de compreender sua natureza, o homem deve acreditar na existência da justiça absoluta, embora não possa saber o que ela realmente significa. A justiça é um

mistério - um dos muitos mistérios - da fé.” Fala, a seguir, da justiça na revelação divina e na moralidade cristã moderna. Diz ele: “o meio específico da teologia na sua tentativa de fazer o incompreensível parecer compreensível é sua doutrina da revelação”.

Mas, o que é justiça?

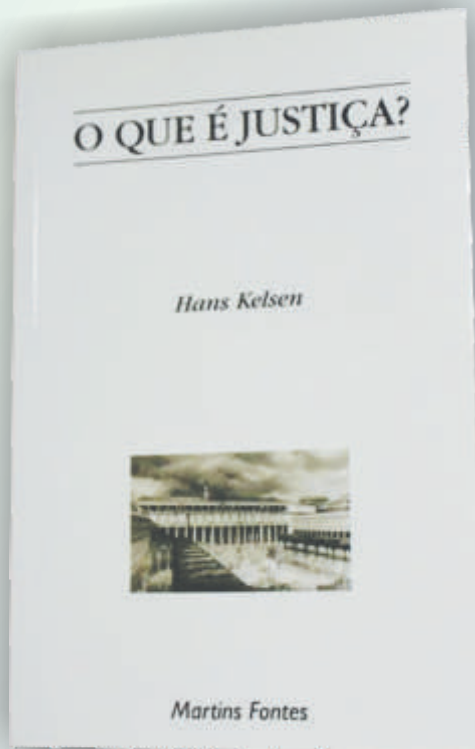
Kelsen assim começa sua exposição: “Quando Jesus de Nazaré, no julgamento perante o pretor romano, admitiu ser rei, disse ele: “Nasci e vim a este mundo para dar testemunho da verdade”. Ao que Pilatos perguntou: “O que é a verdade”? Cético, o romano obviamente não esperava resposta a essa pergunta, e o Santo também não a deu. Dar testemunho da verdade não era o essencial em sua missão como rei messiânico. Ele nascera para dar testemunho da justiça, aquela justiça que Ele desejava concretizar no reino de Deus. E, por essa justiça, morreu na cruz.”

Deveras interessante constatar que um jus filósofo ateu, interessado em se aprofundar nas cogitações sobre o significado da justiça, (uma preocupação essencial da sociedade humana, eis que, sem os preceitos de justiça, impossível a convivência), consegue evoluir em seu pensamento pensando em Deus e em Jesus. Da análise desse seu modo de ver e de refletir, cabe concluir que o homem, mesmo sendo ateu, não pode viver sem Deus, se quiser aspirar a justiça. De fato, fosse nossa existência meramente material, destinada a ter um fim com a falência orgânica, pouco importaria a justiça, pois seríamos inconsequentes se não tirássemos o máximo proveito de nossa vida

efêmera, pouco importando que em detrimento do próximo. Mesmo ateu, o homem não pode ser imoral, se aspirar a justiça, para poder conviver em sociedade. E imoral seria preterir o Criador. Eu amo o próximo porque creio em Deus. E porque eu amo o próximo procuro a justiça.

Diz Kelsen, em seu ateísmo: “A natureza transcendental de Deus, em geral, e sua justiça absoluta, em particular, são inacessíveis ao conhecimento humano, baseado na experiência dos sentidos controlada pela razão e, portanto, sujeita aos princípios da lógica. O que é incompreensível com a cognição racional não é, de maneira nenhuma, incompatível com a fé religiosa”.

Como um dos fundadores do seminário de São Roque, embora então fosse um dos mais jovens, eu, hoje, estou entre os mais maduros (fisicamente) da Turma do



Ibaté. Não me considero, ainda, “faisandé”, mas, já não sou moço. Não sou e não me queixo, pelo contrário, curto a década dos meus 70 e espero viver lúcido a dos 80. Quem chega a este patamar da existência, fatalmente se entrega a revisões dos seus pensamentos, crenças e coisas que aprendeu e sempre praticou. A exemplo do santo bispo de Hipona, creio que a fé, se não for bem pensada, repensada, de pouco vale. E o fruto dessa revisão, pelo menos no meu caso, mas não só nele, é a maior e melhor compreensão de certas incongruências de verdades praticadas ao longo da vida, ampliando o horizonte do entendimento e da fé. Amar a Deus só existe se, também, existir o amor ao próximo. E amar o próximo inclui saber que a verdade dele, a fé dele, é tão boa quanto a minha, se, como a minha, for uma fé em Deus. E desse amor nasce a justiça. E justiça, a divina justiça, não é apenas aquela que o meu manual, desde a infância,

ensina. Mesmo um ateu pode me ensinar o que seja a justiça. Mesmo um ateu pode me fazer pensar em Deus.

Vivemos, já faz um bom tempo, uma era de grandes mudanças. Em termos de fé, de crenças, de religião, de igreja, quem, como eu, nasceu sob a preponderância do pensamento tridentino, curtiu algumas mudanças do Vaticano II, assistiu empolgado os esforços de ecumenismo, e ainda espera novas mudanças, acreditando que possam surgir dos estudos que o atual Papa está preocupado em conduzir, só pode exultar quando tem em mãos livros e estudos de pensadores sérios e inteligentes, ainda que não filiados à Igreja.

Fui procurar saber “O Que é Justiça” e aprendi, de um ateu, melhor amar a Deus.

(*) Paulo Francisco Toschi, 77 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”. paulo.toschi@uol.com.br

Photantiqua



Reverendo “velharias” guardadas há muitos séculos, perdão anos, encontrei a foto que segue em anexo, provavelmente feita no ano de 1951, na qual além de outros, o eminente escritor Claudio Giordano nela está registrado. Vamos aos nomes, da esquerda pra direita: João Guarnieri; Antonio Pedro Lorenzati; Claudio Giordano; Walter Barelli e D. Antonio Gaspar, todos seminaristas da Paróquia de São José do Belém-São Paulo. Abraços Ibateanos. Antonio Pedro Lorenzati (1951/1955)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Antonio Marcos de Almeida (51/57) - Boa noite, Wilson, tudo bem? Estava lendo o Echus 134 e li a notícia do falecimento do Dionisio Leite da Costa. Lembro-me muito dele, pois fomos bons amigos. Recordo-me que aprendi com ele a rezar a Ave Maria e o Pai Nosso em italiano. Quando estávamos na capela e era rezado o terço, nós o rezávamos em italiano. Ele sempre foi um excelente aluno e um ótimo colega. Certamente deixará saudade. Nossas condolências à família. Quanto ao nosso XII Encontro, se Deus quiser estaremos lá para rever nossos amigos e colegas. Um abraço. Salto-SP 02.10.2014 am_almeida@uol.com.br

De Luiz Loureiro (62/63) - Prezado Quinzinho. Fiquei muito feliz ao ler os seus comentários sobre os meus "Circunlóquios", principalmente vindo de uma pessoa tão entendida como você. Para mim, foi um grande incentivo a continuar a escrevendo, apesar da enorme decepção que tenho com o mercado editorial brasileiro. Grande abraço. São José dos Campos-SP 06.10.2014 loureiroefabiana@gmail.com

De José dos Santos (61/62) - Olá amigos e irmãos. Acordei hoje muito cedo, às 4 da madrugada, e o termômetro de meu apartamento registrava 22 graus. Fui para o computador buscar informações sobre como sobreviver nesse ambiente de aquecimento global e encontrei este site e este livro cujo link coloco abaixo. Creio que é uma informação útil para ser compartilhada. O link é um caminho para um livro intrigante e necessário nestes tempos modernos em que estamos dizimando a natureza e a colocando contra nós mesmos, quando seu objetivo "natural" é o de nos dar a vida.

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/estante/estante_264050.shtml

Bom proveito. São Paulo-SP 13.10.2014 josandelsp@terra.com.br

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Caro Wilson Mosca, mais um amigo que se foi. Mencionei o João no meu livro Palavra de Seminarista. Gostava muito dele. Jogávamos xadrez. Que pena que ele tenha passado tantos anos longe da Turma do Ibaté. Quando falei com ele pela última vez, ainda era advogado da Cúria. Depois, nunca mais. Nesse ocaso de vida que não podemos evitar, dure ele pouco ou muito, precisamos estar juntos, desfrutar a amizade, alegrarmo-nos mutuamente nas horas felizes, consolarmo-nos mutuamente, nas horas difíceis. Amigo é para isto. Se souber de alguma missa pela alma do João, por favor, me avise. São Paulo-SP 13.10.2014 paulo.toschi@uol.com.br

De Almir Pessoa Cesar (49/52) - Prezado Wilson, quero me associar a todos os colegas nas orações pelo João Fornazieri e meus sentimentos de condolências aos seus familiares. Fornazieri foi da minha época de seminário, em S.Roque, e me lembro dele nos momentos de

convivência daquelas turmas. Grande abraço. Vinhedo-SP 13.10.2014 loricalber@gmail.com

De José Carlos Bannwart (52/59) - Sempre o admirei, postura humana dignificante, meus sentimentos, para a família, porém, se cremos na vida eterna ele está no Pai, a nos resta a lacuna de sua ausência e o exemplo a seguir, como um escolhido sal da humanidade. Viva ainda a lembrança da sua atuação no teatro na peça O CAVALEIRO NEGRO. Indaiatuba-SP 14.10.2014 bannwart@yahoo.com.br

De Pe. Ubajara Paz de Figueiredo (57/58) - Irmão e amigo Wilson. Sou-lhe imensamente agradecido pelo serviço de informação fraterna e solidária relativo à Páscoa de nossos companheiros de caminhada no querido Ibaté. Abundantes sejam as bênçãos de Deus para a família do querido João Fornazieri. Num mundo acentadamente marcado pela violência como faz bem cultivarmos e divulgarmos a certeza de que "SOMOS FILHOS E FILHAS DA RESSURREIÇÃO". Campo Grande-MS 15.10.2014 pe.ubajara@gmail.com

De Francisco Cleverton Ribeiro Marques (59/61) - Prezados! Não fosse o artigo "Escrever é desafiar" (Echus 134 pág.10) do colega JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (50/56), confesso que o artigo "Circunlóquios" (Echus 133 pág.7) do também colega LUIZ LOUREIRO (62/63) teria (nem eu entendo como não me apercebi do seu rico conteúdo na 1ª leitura), passado despercebido e simplesmente arquivado na pasta "AZ". Peço, por isso, 1000 desculpas ao seu autor, "copiado" neste "e-mail". - Alertado então, como disse, fui relê-lo e achei um tesouro literário que muito me impressionou; tanto que, chamei a atenção da importância dele a meus amigos e amigas conectados em rede social, e também através de "e-mail" e "torpedos" a meus familiares. Quem sabe a publicação deste meu "e-mail" não vá também alertar mais alguém que não tenha tido a oportunidade de tomar conhecimento do artigo em questão, ou nele não prestar a atenção devida, como aconteceu comigo. - Parabéns ao Joaquim e Loureiro, aos quais, respeitosamente, "tiro o meu chapéu". "Viva" o Echus do Ibaté !!! Osasco-SP 15.10.2014 franciscoclever@hotmail.com

De Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56) - Prezados Francisco Cleverton e Luiz Loureiro. Francisco, folgo em saber do seu vivo interesse pela Literatura. Minha preocupação é a de destacar a importância da arte literária no convívio de nosso grupo ibateano. A Literatura nos provoca a reflexão, nos coloca num campo de pensamento só igualado ao da Filosofia. Só nos enriquece e nos solidariza. É muito bom o número de colegas dedicados à Literatura e que oferecem aos leitores do Echus suas produções plenas de humanidade e conhecimento. Anoto o nome de alguns grandes escritores, pensadores e poetas: Valdevino Soares de Oliveira, José Moreira Souza,

Lettério Santoro, Paulo Toschi, Paulo de Oliveira, Antônio Correa, Alfredo Barbieri, Joel Barbieri, Tomás de Aquino, José L. Brant de Carvalho, Jurandy Amadi, Getulino Maciel, Loureiro, e tantos outros... A lista é enorme e variadas e importantes as suas contribuições As Letras também nos unem. Para o convívio, para a recordação, para o lazer. Acabei de ler o livro "Histórias de humor para quem está de bem com a vida - ou quer ficar", do Loureiro. Agradável seu estilo de escrever como se a gente estivesse numa mesa de bar e estivesse lá para rir! Uma coisa é falar; outra, e bem mais

exigente, é escrever. Pois bem, o Loureiro se mostra exímio na arte de passar a oralidade para a escrita. No Echus, ele já havia comparecido, entre outros, com seu texto "Arte na Rua" (Echus nº 114) muito bom também. Ao Loureiro, confesso que desisti de imprimir as produções. Muita dificuldade para ser aceito, a não ser que a gente gaste até o que a gente não tem. Mas isso não mais me incomoda. Tenho poucos leitores com quem fica mais fácil trocar opiniões. Abraço a vocês. São Paulo-SP 16.10.2014 joka.oliveira@uol.com.br

NA CASA DO PAI

Faleceu em 02.10.2014, aos 69 anos de idade, nosso colega **HILMAR CASSIANO (60/61)**. Hilmar (Estilinguinho) é irmão do também nosso colega ISMAEL CASSIANO-Estilingue (58/61).



Hilmar era sócio-fundador do "Escritório Cassiano Advogados". Deixa a esposa Deise e os filhos Glauco e Klaus, também, sócios no escritório de advocacia. Era Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo (OAB/SP nº 57.213).

Faleceu em 12.10.2014, aos 77 anos de idade, nosso colega **JOÃO ARMANDO FORNAZIERI (1950/1955)**. Os avós de João, quando vieram da Itália, se fixaram em Descalvado (SP), onde trabalhavam em lavoura de café. Posteriormente, a família mudou-se para São Paulo, passando a residir no bairro do Belém. A paróquia local encaminhou para nosso seminário vários colegas, inclusive o João, que se tornou craque em Latim. Fornazieri era órfão de pai, desde os 10 anos. Diz o nosso colega Attilio Brunacci que João Armando era aluno estudioso e brilhante, porém, um fracasso no esporte, onde costumava arrumar confusão com os colegas, embora todos o estimassem

muito. Não confirmo essa fama, mas, minha opinião pouco vale, pois sempre fui o último a ser escolhido, na hora de formar as equipes para o jogo. Sou testemunha, contudo, de que o amigo era bom no xadrez, pois com ele disputei várias partidas, como conto em meu livro Palavra de Seminarista. Tendo saído do Seminário no final de 1955, já em 9 de abril de 1962 o João Fornazieri estava colando grau, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Formou-se na Turma 130, de 1961, sendo o primeiro aluno do Ibaté a tornar-se bacharel em Direito, pelas Arcadas do Largo de São Francisco. Foram seus contemporâneos de faculdade diversos colegas do Ibaté, como Roque Komatsu (turma 131); Nelson Esteves Sampaio (turma 132); Alberto Pimenta Jr., David de Moraes, João de Assis Bevengnu, José Luiz Brant de Carvalho e Francisco Fierro (turma 133); e Asdrúbal Ângelo Baruffaldi e José de Mello Junqueira (turma 134). João Armando Fornazieri foi advogado da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo, além de ter ocupado cargos no Banco do Brasil e na Receita Federal. Tinha, também, escritório próprio. João Fornazieri não costumava frequentar os jantares mensais de nossa turma, razão pela qual faltam-nos maiores informações sobre sua trajetória, após o seminário, e, infelizmente, não consegui obter, no Arquivo da Cúria, melhores dados. PAULO FRANCISCO TOSCHI (49/53). Vide texto VIVA O JOÃO escrito pelo nosso colega Antonio Carlos Corrêa na página 8.

Para-choque do Caminhão do Ibaté

O adversário nunca pode ser tachado de inimigo por ganhadores ou perdedores.



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

ENCONTRO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO CENTRAL DO IPIRANGA

Wilson Cândido Cruz*



Realizou-se no dia 15 de novembro, como sói acontecer anualmente, nas dependências do antigo Seminário Central do Ipiranga, mais um encontro dos seus ex-seminaristas. O evento que vem acontecendo há muitos anos ininterruptos, por iniciativa particular de um grupo de ex-alunos, foi coberto de pleno êxito. Aos poucos, os antigos colegas foram chegando, a partir das 8 horas, para o delicioso café da manhã, com os cumprimentos de boas vindas dos já presentes. Foram momentos agradáveis de bate-papos e confraternização que perduraram até a hora do almoço. Por volta de meio dia, todos foram se acomodando em torno de uma mesa onde havia grande variedade de iguarias, trazidas pelos amigos. Comendo e bebendo à vontade, os papos e as trocas de gentilezas continuaram com muita animação.

Conforme a programação, a partir das 14 horas, haveria a segunda etapa desse evento com ainda maior motivação. Para tanto, já estavam chegando novos convidados. Começaria a Celebração Eucarística em memória do Padre José Eduardo Augusti, que estudara Filosofia no referido Seminário Central e que havia se licenciado em Teologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, na época agregada à PUC-SP.

A Santa Missa foi celebrada por Dom Celso e concelebrada por Dom Gaspar e Dom Fernando Penteado, bispos eméritos. Com a participação do nosso coral que entoou quatro cantos, que emocionou a todos, cujas letras foram compostas pelo Padre Augusti em intervalos das torturas no cárcere do Dops.

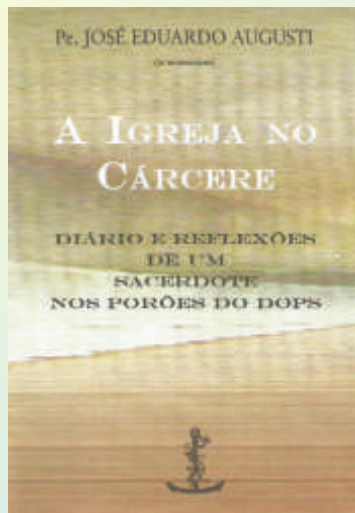
Comemorou-se, ainda, o aniversário de 80 anos da instalação desse mesmo seminário por onde passaram muitos seminaristas que, entre leigos, padres e bispos, marcaram a presença da Igreja em São Paulo e no Brasil. Mencionou-se, também, a “anticomemoração” do aniversário de 50 anos do golpe militar, oportunidade propícia para lembrar o testemunho sofrido deste ex-aluno do Seminário Central e da PUC-SP e de muitos outros, nos porões do Dops, clamando por justiça e por liberdades democráticas.

Foi lembrado, outrossim, que no dia 8 de dezembro de 2012, coincidentemente festa da Imaculada Conceição, padroeira desse Seminário, numa solenidade oficial das Caravanas da Anistia (Comissão da Anistia/Ministério da Justiça), o Padre José Eduardo Augusti foi declarado anistiado político com o pedido oficial de desculpas por parte do Governo Brasileiro. A solenidade foi no Memorial da Resistência, antigo Dops.

Terminada a Celebração Eucarística, todos se dirigiram ao Salão Nobre onde foram dados vários depoimentos sobre o trabalho sacerdotal do Padre Augusti, bem como de sua tortura e sofrimento no Presídio

Tiradentes.

No final foi feito o tão esperado lançamento do livro “A IGREJA NO CÁRCERE” - Diário e reflexões de um sacerdote nos porões do Dops - que foi uma iniciativa da equipe da Coordenação dos Amigos do Ipiranga e com a organização e apontamentos do Attilio Brunacci, contando com a anuência da Família do Padre Augusti. O livro está à venda sob a responsabilidade do amigo Francisco Aparecido Cordão pelo preço de lançamento de R\$40,00.



(*) Wilson Cândido Cruz, 70 (59/64) Diretor de Escola e Professor aposentado wilsoncruz794@gmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: ELEIÇÃO

É soberano direito
ter um povo livre, consciente,
numa Eleição de respeito,
seu voto dar livremente.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Toda Eleição é uma escolha
merece muita atenção
pra que você não acolha
rapinagem, corrupção.

Alfredo Barbieri (49/53)

Do fundo do coração,
esta prece ao bom Deus fiz:
que o fruto desta Eleição
seja o povo mais feliz.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

TEMA: POLÍTICA

Pra alcaide, rei, presidente
ou simples chefe de um lar,
Política é minha gente,
Astúcia em bem governar.

Política é uma missão
aos que têm capacidade
para servir a Nação
com amor e honestidade.

Política verdadeira
busca o bem de uma nação,
não permite roubalheira,
Muito menos corrupção.

Envie-nos você
também a sua
trova.

2 temas para o
próximo ECHUS:
CHUVA e ESTIAGEM



AS CIGARRAS



Alfredo Barbieri*



Sai para caminhar e valorizar o preceito: "velho que não anda, desanda" e passei por uma praça arborizada da cidade e ouvi o canto estridente e intermitente das cigarras.

"O pensamento parece uma coisa à-toa mas como é que a gente voa quando começa a pensar". Meu pensamento voou para o pátio do vetusto Seminário do Bom Jesus de Pirapora. Lá estava eu, nos meus quatorze anos, saudoso de casa...

Na primavera, e sobretudo, nos meses de Novembro e Dezembro, ao caminharmos da Capela para o Refeitório e depois no primeiro recreio do dia, nas ensolaradas e diáfanas manhãs, as cigarras faziam aquela sinfonia, alternada de chiado e silêncio.

Era uma alegria. Elas anunciavam que o fim do ano se aproximava. Era só vencer a barreira das últimas provas e então viriam as aguardadas férias (as férias de Junho eram passadas no Seminário, ocupadas com a Festa de São Norberto). A volta ao lar, o aconchego dos amigos, a fuga dos horários rigorosos, a sensação de pássaros livres voando na amplidão.

Também sou imitador das cigarras. Em Pirapora, cantava no palco inúmeras canções, selecionadas e ensaiadas pelo nosso Cônego Lino Fureaux. Depois, já em São Roque, fiz parte do Coral,

sob a regência do Padre Expedito Marcondes... Ó Via, vita, veritas ó Jesu. Cantava na primeira voz. Após uma cirurgia na tireoide, feita em 1950, minha escala mudou e fui parar na quarta voz.

No Seminário Central do Ipiranga, fui da Schola Cantorum, o que era um privilégio e, esporadicamente tivemos a regência do famoso Fúrio Franceschini, mas o nosso grande regente foi o nosso competente Padre Lírio Talarico.

A Schola Cantorum era um sucesso. Quando participamos do Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro, na viagem no trem de aço da Estrada de Ferro Central do Brasil, cantamos a pleno vapor o A TE SALUTE Ó CESARE, e fomos aplaudidos e comentados. Sem esquecer as atuações nas Missas Pontificais, na Catedral, a Festa de São José, da Imaculada...

Hoje ficou só na lembrança. Continuo na quarta voz, agora pigarreante e ronquenha, mas quando a nossa Turma do Ibaté se reúne para a Missa dos Encontros, para a apresentação no pátio, nos jantares das primeiras sextas-feiras, o entusiasmo volta e as cigarras vibram em nossos corações e cantamos como nos velhos tempos.

"Tenho muito mais passado que futuro", mas neste presente, canto o Hino de Louvor à vida e à amizade...

As cigarras, consta, estouram de tanto cantar. Como boa cigarra, espero morrer cantando.

(* Alfredo Barbieri, 82 (49/53) é professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras. alfredo_barbieri@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.11.2014	
POSIÇÃO EM 30.09.2014	12.073,10
ENTRADAS	
Contribuições e doações	410,00
Juros	113,83
TOTAL ENTRADAS	523,83
SAÍDAS	
Diagramação Echus 134	420,00
Despesas Bancárias	37,05
TOTAL SAÍDAS	457,05
SALDO ATUAL 30.11.2014	12.139,88
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.10.2014 a 30.11.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Corrêa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Luiz Norberto Colazzi Loureiro, Paulo Francisco Toschi e Paulo Oliveira Leite Gonçalves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens:
links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

Diagramação:

Conexão Propaganda (11) 4063-9081



conexão
propaganda